

Mulheres, Negras, Carolinas: uma perspectiva Afetiva, Teórica e Política sobre a atuação das catadoras de resíduos sólidos recicláveis do Moura Brasil e a luta por direitos.

Paulo José Rodrigues Monteiro

Programa Associado de Pós Graduação em Antropologia

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB/CE.

Resumo: A partir de um diálogo entre Carolina Maria de Jesus, por meio de sua obra “Quarto de Despejo: diário de uma favelada” e mulheres negras catadoras de resíduos sólidos recicláveis integrantes da Associação de catadores/as do Bairro Moura Brasil, em Fortaleza – Ceará, este estudo se propõe a apresentar uma perspectiva Afetiva, Teórica e Política sobre a participação social das mulheres catadoras na luta por direitos em meio às contradições que vivenciam enquanto trabalhadoras que atuam para a manutenção de uma cidade habitável e sustentável sendo moradoras de ambientes muitas vezes precários e desassistidos de políticas públicas. Além da escritora e compositora, dentre outras habilidades, Carolina Maria de Jesus e das mulheres catadoras, entrelaçam nosso referencial teórico aportes de outras/os intelectuais negras/os como a Arquiteta e Urbanista Joice Berth e o Engenheiro ambiental e Cientista político Malcom Ferdinand apresentando suas contribuições acerca da construção dos espaços urbanos e o direito à cidade, articulação entre gênero e raça em nossa sociedade e a abordagem interseccional entre ecologia e o pensamento decolonial antirracista confrontando a realidade vivida.

Palavras-chave: catadoras, participação, direitos

Abstract

Based on a dialogue between Carolina Maria de Jesus, through her work “Quarto de Despejo: diario de uma favelada” and black women collectors of recyclable solid waste who are members of the Association of collectors of Bairro Moura Brasil, in Fortaleza – Ceará , this study aims to present an Affective, Theoretical and Political perspective on the social participation of women waste pickers in the fight for rights amid the contradictions they experience as workers who work to maintain a habitable and sustainable city while living in environments that are often precarious and unassisted by public politics. In addition to the writer and composer, among other skills, Carolina Maria de Jesus and the women collectors, we intertwine our theoretical framework with contributions from other black intellectuals such as the Architect and Urban Planner Joice Berth, the Anthropologist and Philosopher Lélia Gonzalez and the Environmental Engineer and political scientist Malcom Ferdinand presenting his contributions on the construction of urban spaces and the right to the city, the articulation between gender and race in our society and the intersectional approach between ecology and anti-racist decolonial thinking confronting lived reality.

Keywords: collectors, participation, rights

Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano:2024)

INTRODUÇÃO

*“Há quem diga olê, olê, olê, olá... Catador de Norte a Sul e de acolá,
nessa marcha sem parar, Caminhar é Resistir e Se Unir é Reciclar”
(Hino dos catadores/as)*

Nos últimos anos o debate envolvendo o tratamento e destinação adequada dos resíduos sólidos tem sido bastante frequente, sobretudo devido a crescente notoriedade que a temática do Desenvolvimento ambiental tem assumido em âmbito mundial a partir dos anos 1980. No estudo realizado em 2011 pelo IPEA¹, com base em dados de organizações públicas, organizações não governamentais e do próprio Movimento Nacional de Catadores e Catadoras de materiais recicláveis (MNCR) chegou-se à estimativa que o número de pessoas que compõem essa categoria de trabalhadores/as varia entre 400 e 600 mil pessoas em todo o país, sendo que na região Nordeste estão aproximadamente 116.528 catadores/as. Desse total, cerca de 70% são mulheres.

Ao abordar a presença das mulheres no ambiente e nas lutas decorrentes do trabalho de catação, não podemos dissociá-las das diversas lutas enfrentadas por elas cotidianamente buscando reconhecimento, equidade, oportunidades, dignidade. No entanto, mesmo reconhecendo que todas as mulheres são de alguma forma afetadas, esse trabalho se propõe a trazer para o centro da discussão as vivências das mulheres negras, pois citando somente o aspecto salarial, “mulheres brancas ganham 30% a menos do que homens brancos. Homens negros ganham menos do que mulheres brancas e mulheres negras ganham menos do que todos.” (RIBEIRO, 2020, p.39). Esse aspecto deixa estampado o quanto é mais profunda a desigualdade que assola a essas mulheres.

Dessa forma, é imprescindível trazer para o debate como as questões raciais e de gênero as atravessam, pois dentre as várias faces da precarização do trabalho realizado pelas mulheres, as inúmeras funções que são atribuídas às mesmas sejam no contexto social, como na vida privada do ambiente doméstico também aparecem como elementos importantes de serem considerados.

Grada Kilomba (2010) pontua que o debate teórico que muitas vezes tem como referencial mulheres brancas ou homens negros, não contribui para um aprofundamento desse contexto. Acredita ainda que nesse cenário é fundamental não conceber os conceitos de raça e gênero em separado, pois ao fazê-lo corremos o risco de apagarmos

¹ IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada.

dos debates políticos e acadêmicos as vivências de mulheres negras que são ainda mais afetadas nessa pirâmide de desigualdades.

Para além dessas dimensões desafiantes, este trabalho se propõe a refletir sobre a participação social das mulheres negras integrantes da associação de catadoras/es de resíduos sólidos recicláveis do bairro Moura Brasil, em Fortaleza, Ceará e suas atuações nos espaços e lutas por direitos, sobretudo o direito à cidade tendo em vista que são trabalhadoras que contribuem diretamente para a construção de ambientes sustentáveis, mas que usufruem de locais muitas vezes insalubres, pouca estrutura e insuficientes políticas públicas que atendam às suas necessidades mais básicas.

Acredito que trazer para o campo acadêmico o cotidiano das mulheres negras catadoras para além de aprofundarmos sobre suas vivências e concepções sobre seu lugar no mundo é uma tarefa fundamental para que possamos fazer ecoar as vozes dessas mulheres que muitas vezes são confundidas com os resíduos que trabalham. São tratadas como materiais descartáveis. É um dever histórico trazer seus gritos, anseios, desejos e saídas baseadas nas experiências delas.

O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas a poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social. Quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de lócus social, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência. (RIBEIRO, 2020, p.64).

A discriminação, os preconceitos e todas as possíveis mazelas às quais as mulheres negras catadoras sofrem estão relatados de forma escancarada por Carolina Maria de Jesus em seu livro *Quarto de Despejo: diário de uma favelada*. Através de cada palavra é possível se confrontar com as duras realidades vivenciadas ainda hoje. Em um dos trechos a autora relata: “era o alvo das atenções. Fiquei apreensiva, porque eu estava catando papel, andrajosa (...) depois, não mais quis falar com ninguém, porque precisava catar papel. Precisava de dinheiro. Eu não tinha dinheiro em casa para comprar pão.” (JESUS, 2020, p. 15). Embora os relatos sejam da década de 1950, para muitas mulheres o cenário atual não é diferente.

O tempo passa e os preconceitos se atualizam, mudam seu repertório, mas continuam sendo implacáveis na função de excluir, marginalizar e produzir desigualdades. Para Soares (2000, p. 25) “as mulheres negras arcam com todo o peso da discriminação de cor e de gênero, e ainda mais um pouco, sofrendo a discriminação

setorial-regional-ocupacional que os homens da mesma cor e a discriminação salarial das brancas do mesmo gênero.”

MULHERES, NEGRAS, CATADORAS, LUTADORAS

Inspirado por Carolina Maria de Jesus, que “é” (aqui utilizo o verbo no presente, pois Carolina Vive e muitas Carolinas continuam escrevendo histórias de lutas e resistências) capaz de nos fazer mergulhar em suas vivências na favela do Canindé a partir dos fragmentos registrados em seu diário de uma favelada, proponho que essa trajetória seja contada tendo como referência as próprias falas das mulheres catadoras resultantes dos diálogos que realizamos, num reconhecimento de suas contribuições para essa pesquisa, e principalmente da legitimidade para falar sobre suas histórias de vida. Seguindo essa perspectiva política e metodológica de contribuir com a visibilidade das mulheres catadoras, proponho trazer para o escopo deste trabalho as falas, reflexões, reivindicações e histórias de vida dessas mulheres.

- *Maria Eliane Oliveira de Albuquerque*, 59 anos, mulher negra, natural de Pentecoste, município do Ceará, chegou a Fortaleza no ano de 1979, aos 15 anos de idade, vindo de ônibus com alguns familiares. Ao chegar à capital, viver em casa de familiares (tia) até estabelecer uma mínima condição de ter um lugar próprio para morar. Mãe de 07 filhos, atualmente se divide entre os desafios do trabalho fora e dentro de casa e o cuidado netos.

Sendo uma das primeiras componentes a realizar o trabalho com resíduos sólidos recicláveis, figura como uma das fundadoras da associação, onde hoje atua como membra do conselho fiscal, depois de um longo período de atuação individual onde foram descobertas e se descobriram enquanto catadoras de resíduos sólidos recicláveis. Conforme aponta em sua fala, iniciou na catação a partir de um programa governamental chamado “Criança fora da rua, dentro da escola” que atuava na perspectiva do combate ao trabalho infantil e fortalecimento da estrutura familiar.

- *Sônia Maria Nascimento Silva*, 51 anos, mulher negra, natural de Frecheirinha, município do Ceará, chegou a Fortaleza tendo o trem como transporte, assim como milhares de retirantes que desembarcaram na capital e se instalaram no local que hoje vem a ser o bairro Moura Brasil, tendo 09 anos de idade. Ao contrário das pessoas que chegavam tendo a seca como principal motivo, a família de Sônia Nascimento foi afetada por uma enchente que ocasionou a perda da casa e de todos os seus bens. Em

fortaleza morou com familiares do pai até que após algum tempo sua mãe “arrumou” uma casa para que morarem.

Sônia Nascimento também iniciou no trabalho da catação quando ainda não existia associação formalizada, a convite de Espedita de Jesus, outra interlocutora fundadora. Atualmente está fazendo tratamento de saúde que exige um afastamento da atividade de catação, mas seu desejo é logo logo poder voltar a exercer a atividade que a mesma relata ser exercida por amor e necessidade. A dinâmica de enfrentamento constante às adversidades da vida, revela uma Sônia que luta e reconhece seu valor quando diz: “Eu sou mais do que uma guerreira, eu sou uma vencedora!”

- “Eu sou a Espedita Maria de Jesus, que vim do Crato e vim aqui pra cidade de Fortaleza a procura de emprego e me coloquei num projeto, o “reciclando” aonde eu comecei a trabalhar de catação.; É eu acho que eu tinha mais ou menos uns vinte e nove anos.; Quando eu vim pra cá eu morei na Santo Inácio, mas que faz parte do Moura Brasil também. De lá, vim morar aqui no morro, que lá é Jacarecanga e morro aqui. Eu vim eu já tinha um filho de um ano e outro que estava recém-nascido. Aí foi quando eu saí da casa da minha sogra e fui morar num quartinho lá na rua da saudade. A gente tava sem trabalhar, aí uma colega minha arrumou um emprego no cemitério. Trabalhei no cemitério aguando, aí depois passei pra frente do serviço. Aí foi quando os meus meninos foram abordados pelo programa criança dentro da escola e fora da rua aí que eu entrei no projeto e consegui um espaço. Aí encontrei um espaço aqui pra morar na Rua do Trilho, aí de lá eu fiz uma casinha de tábua aí consegui um dia um projeto e levantei de tijolo. Aí depois fiz a troca da casa de lá por essa aqui.”

A fala de Espedita Maria de Jesus, 57 anos, mulher negra, catadora de resíduos sólidos recicláveis, por si só é um relato direto sobre sua trajetória e inserção no trabalho de catação. É uma das principais referências da associação de catadores/as do Moura Brasil, pois mobilizou e articulou todo o processo desde à informalidade até a constituição e formalização jurídica da entidade, tendo dedicado praticamente sua vida para a existência e permanência desse grupo de catadores/as organizados/as no bairro.

Ao comentar sobre sua trajetória e crescimento pessoal e coletivo, fala sobre a importância do trabalho, mas que essa atividade não pode se descolar da realidade social, política, ambiental etc em que estão inseridos/as. Dessa forma mostra uma consciência crítica que a luta de décadas em prol de dignidade a possibilitou despertar. Isso fica evidenciado quando diz: “Participar das coisas que é preciso, porque não

adianta eu ficar só no galpão separando o material sem saber o que está acontecendo no meu redor. Eu tenho que participar. Eu tenho que ir pras reuniões, eu tenho que visitar os órgãos, eu tenho que fazer visitas, eu tenho que correr atrás.”

- *Carla de Jesus Ferreira*, 27 anos, é uma mulher negra, catadora, que nasceu em Fortaleza, já no bairro Moura Brasil. Considera-se uma pessoa muito vergonhosa, não em relação ao seu trabalho, pois relatou em nossos diálogos um reconhecimento sobre a importância da atividade que desenvolve, bem como a dignidade desse trabalho, mas ainda se sente retraída nos inúmeros momentos que têm participado em decorrência do trabalho na catação, não gostando de falar em público, embora reconheça que já avançou muito nesse sentido.

Ainda na faixa etária da juventude, iniciou a catação pouco antes da sua maioridade, ao ver sua mãe, Espedita de Jesus, na lida diária com os resíduos recicláveis e nas ações de cunho político em busca de melhorias para o coletivo de catadores/as. Revela que gosta do seu trabalho, sobretudo pelo contato que tem com as “novidades” que encontra todos os dias junto aos materiais que manejam, sendo uma mulher “muito trabalhadora” como ela mesma se define, além de ser uma pessoa que vive com alegria.

Diferentemente das histórias das *fundadoras*, no que se refere à escolarização, Carla de Jesus concluiu o Ensino Médio e tem uma maior apropriação de recursos tecnológicos, coisa que gosta muito de fazer, sobretudo jogos e mídias digitais, comunicação, administrativos e burocráticos que fazem parte da vida da associação, onde hoje exerce a função de tesoureira, como relatórios, prestações de contas, troca de e-mails, utilização de redes sociais etc.

- *Francisca Raquel Nascimento Silva Aires*, 36 anos atualmente, é uma mulher negra, catadora de resíduos sólidos recicláveis que exerce no momento, a presidência da Associação de Catadores do Moura Brasil. É natural de Fortaleza, Ceará, e também iniciou o trabalho de catação ainda na sua juventude, inspirada por sua mãe, Sônia Nascimento, com quem morou até os 27 anos de idade. Relata que aos 33 anos necessitou sair do bairro, em busca de melhorias no tocante à conquista da sua casa própria, o que só foi possível nesse momento em um município vizinho chamado Caucaia.

“Eu nasci aqui, né? Aí agora com meus trinta e três anos, eu saí aqui do bairro, fui morar em outro bairro, mas por causa da oportunidade, né? Porque aqui eu não tinha uma oportunidade de conseguir a minha casa própria e em outro bairro eu tive essa

oportunidade. Só por causa disso, mas é meio que eu morar aqui, porque todo dia eu tô aqui, o meu trabalho é aqui no bairro, né? Então eu me esqueço até de dizer que moro em outro bairro as vezes”.

Raquel também finalizou o ensino médio. Revela seu contentamento ao atuar no meio público, em projetos sociais que impactam a vida das pessoas, e também nos deixa saber sobre uma habilidade e gosto quando está fazendo comida.

NA BEIRA DO MAR, O MOURA BRASIL DISTOA DA BEIRA MAR

O bairro Moura Brasil fica localizado na zona litorânea de Fortaleza, estando inserido no quadrilátero formado pelas Avenidas Presidente Castelo Branco (Leste-Oeste), Avenida Filomeno Gomes, Rua dos Aprendizes Marinheiros e Rua Barão do Rio Branco. Para fins de imaginação, fica na porção que vai do Marina Park Hotel até a Escola de Aprendizes Marinheiros, sendo delimitado pela Via férrea, na parte de trás do bairro.

Até o ano de 2020, a cidade de Fortaleza era dividida em seis (06) Secretarias Executivas Regionais. Com o redesenho, o bairro Moura Brasil, que até então pertencia a SER 1, passou a ser administrado territorialmente pela SER 12 e juntamente com os bairros Centro e Praia de Iracema, compõe o território 1. É importante ressaltar que contrariando a proposta inicial, os bairros mencionados apresentam proximidade, mas suas características e níveis de investimento são totalmente diferentes uns dos outros.

Em ralação à quantidade de habitantes no bairro Moura Brasil, segundo dados sistematizados pelo Instituto de Planejamento de Fortaleza (IPLANFOR) quando da elaboração do Plano Fortaleza 2040², a população estimada era de 3.765 pessoas, sendo destas aproximadamente 52,3% mulheres e 47,7% homens. Ainda sobre essa estimativa, percebemos que a Secretaria Municipal de Saúde considerava em 2022, algumas semanas antes do lançamento dos dados provenientes do censo realizado pelo IBGE em todo o território brasileiro, que o número de habitantes do Moura Brasil era de 4.150 pessoas. O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) local está entre 0 e 0,499

² O Plano Fortaleza 2040 é um planejamento para a cidade de Fortaleza, com estratégias a serem implementadas no curto, médio e longo prazo, tendo como horizonte o ano 2040. O plano contempla os eixos urbanístico, mobilidade e desenvolvimento econômico e social.

figurando no nível considerado “Muito Baixo” segundo informações da Secretaria de Desenvolvimento Econômico (SDE) de Fortaleza.

A realidade retratada e vivenciada tem infelizmente resultado num verdadeiro extermínio da população negra, principalmente jovens, não só em Fortaleza, mas em boa parte do Brasil, pois a marca que nos é impressa, consequência de um racismo que perpassa diversas estruturas da nossa sociedade, nos acompanha, parafraseando Malcon Ferdinand em diversos barcos periféricos, com suas especificidades, mas que estão acorrentados para não se afastarem do grande “navio negreiro”.

Retomando o processo de constituição local, mas sobretudo das grandes obras naquela região, me remeto à fala da Raquel Nascimento, quando menciona que quem passa na avenida, olha e acha o bairro perigoso, mas não sabem da linda vista que os/as moradores/as têm da orla marítima. Essa questão me fez ir ao encontro do que Ferdinand (2022) aponta como “habitar colonial”, sendo uma forma de subordinação do/a outro/a, fundamentado na exploração das terras e da natureza para benefícios próprio, não somente para garantir a vida, mas para acumular riquezas, mas tudo isso só é possível com a prática do que chama de *altericídio*, ou seja, é impossível conviver com as diferenças, é necessário afastá-las, eliminá-las, quando não as uniformizar à maneira que seja conveniente.

Esse des-encontro provocado entre “os/as de cima e os/as de baixo” do morro, soa exatamente como esse deslocamento e aprisionamento geográfico, mas sobretudo simbólico produzido a partir da falta de políticas públicas, requalificação do espaço, imaginário social bem presente sobre o local, e uma estética que muitas vezes tende a afastar quem se aproxima. Seria essa a manutenção de um *habitar colonial* que tem como intencionalidade não permitir a mobilidade plena e a presença indesejada de alguns? Poderíamos dizer que esse aspecto figura como mais uma marca impressa na comunidade ao longo de anos de negligência, precariedade, negação de direitos e concretagem do muro que separa a Sala de Visitas e o Quarto de Despejo?

A ASSOCIAÇÃO DE CATADORAS/ES

Trilhando inicialmente esse caminho, dentre outros possíveis e necessários, proponho um diálogo com as mulheres negras catadoras da Associação de Catadoras e Catadores de Materiais Recicláveis de Fortaleza, com nome fantasia *Associação Moura Brasil*, formalizada juridicamente no ano de 2016, embora sua organização e atuação

enquanto grupo informal remonta aos anos de 2010. É um dos empreendimentos filiados à Rede Estadual de Catadores do Ceará.

Atualmente a associação é composta por 18 pessoas, sendo cerca de 12 mulheres em faixas etárias que vão de jovens (18 a 29 anos), adultos (30 a 45) e algumas acima dos 50 a 60 anos. No momento a associação não possui um espaço físico sob sua gestão para realizar as atividades concernentes aos seus objetivos. As reuniões do grupo acontecem na casa de uma das integrantes que serve como ponto de apoio para os encontros e deliberações do coletivo. De posse das mesmas, se assim podemos dizer, existe um pequeno barraco descoberto de madeira, localizado no morro, onde são armazenados alguns materiais coletados ou doados por pessoas da comunidade.

Dialogando com Quijano³ (2005) percebemos que as novas estruturas de organização do trabalho possuem como critérios para sua divisão a raça, e indo mais além, o gênero, conformando assim uma demarcação sobre quais sujeitos podem ou não desempenhar tal atividade e quais raças e gêneros devem desempenhar outras. A diferença entre o “podem” e o “devem” é que na primeira premissa, para alguns, há possibilidades, relatividade, enquanto no segundo, principalmente para mulheres negras, há lugares definidos, demarcados.

O trabalho de recebimento, pesagem, triagem e prensagem é realizado em um galpão localizado no bairro João XXIII, que está cedido pela prefeitura de Fortaleza para o funcionamento das atividades da Rede de Catadores/as. De forma geral se enquadram no nível de baixa renda, estando inscritas no Cadastro Único⁴ (CadÚnico) do Governo Federal.

Através de parceria com a Prefeitura de Fortaleza, integra a operacionalização do projeto Re-ciclo Fortaleza⁵, atuando na região do Centro da cidade e adjacências prestando serviços de coleta, triagem e posterior comercialização dos materiais destinados à associação. No âmbito do Governo do Estado, 14 pessoas, dentre estas 10

³ Aníbal Quijano nasceu em Yungay, Peru, no ano de 1928. Foi um sociólogo e pensador humanista, conhecido por ter desenvolvido o conceito de "colonialidade do poder". Seu corpo de trabalho tem sido influente nos campos dos estudos decoloniais e da teoria crítica. Faleceu em maio de 2018.

⁴ O CadÚnico foi instituído por meio do Decreto nº 3.877, de 24 de julho de 2001. O Cadastro Único é um registro que permite ao governo saber quem são e como vivem as famílias de baixa renda no Brasil. Ele foi criado pelo Governo Federal, mas é operacionalizado e atualizado pelas prefeituras de forma gratuita. Ao se inscrever ou atualizar seus dados, as famílias podem tentar participar de vários programas sociais.

⁵ O Re-ciclo é uma iniciativa da prefeitura de Fortaleza, iFood e a startup SOLOS, visando por meio de plataforma digital realizar ações de limpeza urbana e preservação ambiental da cidade. Na atuação, os catadores/as utilizam triciclos elétricos para as coletas e desenvolvem suas atividades nos Ecopontos.

mulheres estão inscritas no Programa Auxílio Catador que repassa uma contribuição de ¼ do salário mínimo a cada catador organizado em empreendimentos formalizados mediante comprovação de serviço prestado no âmbito da catação. É muito importante ressaltar que tanto as parcerias como a Lei Nº 17.377 de 30 de dezembro de 2020 que instituiu o Programa Auxílio Catador são conquistas da categoria após intensos movimentos de incidência política nos âmbitos municipal e estadual. Tal atuação comunga com os princípios do Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR)⁶.

VIVÊNCIA E POTÊNCIA: QUEM ESCUTA AS CATADORAS?

Conforme vamos avançando nas nossas reflexões, vários desafios vão sendo expostos não somente pelas estatísticas, mas principalmente por quem vivencia diariamente essa realidade. As vozes das mulheres catadoras, reverberam não só como insatisfações, mas sobretudo, como mais um espaço de reivindicação de quem presta um serviço essencial a todo o conjunto da sociedade, que exigem para além das condições de trabalho, a mínima estrutura comunitária, traduzidas em políticas públicas que atendam ao conjunto dos/as moradores/as e garantam o essencial para viverem bem em seus locais.

Se torna de fundamental importância o questionamento sobre quem escuta as catadoras, já que elas têm tanto a partilhar enquanto sujeitos sociais que refletem criticamente, são afetadas pelas complexidades que impactam suas vidas e vivenciam diretamente as consequências das decisões tomadas nos espaços de discussão e definições. Para tanto, o exercício aqui foi de tomar como ponto de partida as reflexões teóricas, afetivas e políticas que as próprias mulheres trouxeram sobre suas realidades. Leituras essas que indicam questionamentos, reivindicações e apontam caminhos de mudança dos paradigmas hoje apresentados.

No Município de Fortaleza, as ZEIS⁷ foram instituídas através do Plano Diretor Participativo de Fortaleza (PDPFOR), aprovado na Lei Complementar nº 62, de 02 de

⁶ O Movimento Nacional dos Catadores de Materiais Recicláveis (MNCR) é um movimento social que há cerca de 20 anos vem organizando os catadores e catadoras de materiais recicláveis no Brasil. Objetiva a valorização das/os trabalhadoras/as catadoras/as e a garantia do protagonismo popular desses sujeitos.

⁷ ZEIS: As Zonas Especiais de Interesse Social (ZEIS) são porções de terras públicas ou privadas que buscam, prioritariamente, a regularização urbanística e fundiária dos assentamentos de baixa renda existentes e consolidados, além do desenvolvimento de programas habitacionais de interesse social e de

fevereiro de 2009, após serem apontadas como instrumentos de gestão urbana destinados à regularização fundiária no Estatuto da Cidade em 2001 (Lei Federal nº 10.257/2001), que regulamentou o capítulo “Da Política Urbana” da Constituição Federal de 1988.

Atualmente o Moura Brasil compõe uma das 12 Zonas Especiais de Interesse Social do município, a saber, Bom Jardim, Cais do Porto, Cajazeiras, Dionísio Torres, Lagamar, Moura Brasil, Mucuripe, Pici, Pirambu, Poço da Draga, Praia do Futuro e Serviluz, levando em consideração áreas do território que exigem tratamento especial na definição de parâmetros regulares de uso e ocupação do solo, sobrepondo-se ao zoneamento. A ZEIS Moura Brasil comporta 01 assentamento precário que soma uma população estimada de 1.104 habitantes, segundo dados do Plano Local de Habitação de Interesse Social (PLHIS) 2012. A área da poligonal da ZEIS é de 131.167,02 m².

Embora a política aponte os caminhos e instrumentos legais para a construção de propostas e encaminhamentos, são necessários programas e ações governamentais que coloquem em prática as reivindicações provenientes das discussões e construções resultantes dos inúmeros processos realizados para tal finalidade, para que não se criem apenas espaços figurativos, sem efetividade, e pior ainda, que contribuam ainda mais para a desesperança da população frente aos processos ditos participativos que muitas vezes são apenas para produzir um ar de controle social e governos populares e democráticos, sobretudo na 5ª capital do país, onde à medida que os anos passam as complexidades se expandem e as populações periféricas, em sua maioria negras continuam sofrendo as consequências do descaso e abandono do Estado.

Ao consultar o caderno diagnóstico do território que compreende os bairros Centro, Moura Brasil e Praia de Iracema elaborado pela prefeitura de Fortaleza através do seu Instituto de Planejamento durante o ano de 2018 visualizamos os equipamentos públicos municipais presentes no bairro ainda chamado de “Arraial Moura Brasil” no documento síntese.

Quanto aos equipamentos, são elencados: 01 campo de futebol, que por não ter visto na comunidade e nem ter sido mencionado pelas interlocutoras, a não ser pela falta de um equipamento esportivo próximo, resolvi fazer uma consulta aérea via Google

mercado popular nas áreas não edificadas, não utilizadas ou subutilizadas, estando sujeitas a critérios especiais de edificação, parcelamento, uso e ocupação do solo. (IPLANFOR, 2024).

Maps, que pelo menos com as imagens registradas até o momento não apresentou nenhum espaço aparentemente condizente com um campo de futebol. 01 Centro de Formação Infantil (Creche), 01 Escola de Ensino Fundamental, 02 praças e 01 Unidade Básica de Saúde. Ressalto aqui mais um detalhe que poderia passar despercebido ou soar irrelevante, mas à medida que vamos perfazendo o caminho de aprofundamento na história da comunidade, percebemos que algumas situações se repetem, inclusive por parte do poder público.

Mesmo não constando no diagnóstico mais recente (2018), pelo menos ao considerar os equipamentos municipais, podemos perceber algumas mudanças no território, como o campo de futebol construído recentemente, mesmo com as ressalvas pontuadas pelas interlocutoras. Considero importante registrar que das 21 praças mapeadas nesses três bairros, apenas 02 estão localizadas no Moura Brasil e nenhuma na Praia de Iracema, pelo menos não com o nome de praça, mas sim como “Área Verde – Urbanização da Praia de Iracema” localizada na Avenida Beira Mar. A contradição é que somente esse espaço concentra investimentos, da ordem de milhões de reais permanentes se levarmos em conta a manutenção constante que mudariam significativamente a estrutura física do Moura Brasil, se aplicados no mesmo. Não obstante, as duas únicas praças minúsculas do bairro, aparecem no caderno diagnóstico sem nome, enquanto todas as outras estão nomeadas com personalidades diversas ou acontecimentos marcantes para a sociedade. Me pergunto se esse elemento não segue essa lógica do apagamento, da indiferença, do local em que as coisas não precisam estar arrumadas, nomeadas, cuidadas, como num “Quarto de despejo”.

Essa situação que parte do poder público municipal pode à primeira vista refletir uma inobservância à diversidade de realidades no que se refere ao melhoramento das condições de vida, incluindo o trabalho de alguns sujeitos, nesse caso, as mulheres negras catadoras. Tal fato é contraditório quando integrantes da associação local prestam serviços em equipamentos geridos pela própria prefeitura de Fortaleza ou integram outras iniciativas de conhecimento do poder público municipal. Aqui resgato a partir de Aníbal Quijano essa contradição necessária que funciona como um mecanismo de alimentação da economia capitalista. Pessoas invisíveis nos seus direitos ou ausência deles, mas muito notadas quando se trata da oferta da força de trabalho.

Esse cenário de contradições e falta de assistência traduzida pela ausência de equipamentos e/ou políticas públicas que promovam a cidadania e dignidade dos/as

moradores/as, não se apresenta somente numa análise preliminar de dados oficiais, mas se ampara de forma incisiva nos relatos das mulheres catadoras da associação Moura Brasil, sejam elas *fundadoras* ou *continuadoras*.

Por diversas vezes, Carolina Maria de Jesus registra em seus diários a vida na favela a partir das inúmeras situações vividas pelas crianças, desde as travessuras ao fato de presenciarem inúmeras violências, cenas impróprias para crianças, ou mesmo a falta de possibilidades de lazer e outros afazeres. Uma preocupação semelhante perpassa os relatos das interlocutoras, quando exprimem a necessidade de maiores investimentos em projetos e/ou programas que tenham como finalidade a atuação com crianças, adolescentes e jovens, na perspectiva da educação, profissionalização, esporte e lazer como forma de reduzir as desigualdades e promover um território mais integrado e saudável. É possível perceber que não é reivindicado somente o equipamento, mas uma iniciativa que dialogue com o anseio da comunidade e leve em conta os desafios e potencialidades internas como vemos nos trechos de diálogos a seguir:

- **Eliane Oliveira:** *“Era pra ter coisa assim, pras criança, né? Escola tem, né? Era pra ter assim, esporte pra criança. Tem, mas é perigoso atravessar essa pista. Era pra ser aqui no bairro, aqui em cima. Ter tipo uma areninha⁸ pra eles, mas aqui”.*

- **Sônia Nascimento:** *“Se eu pudesse, tivesse algum poder, tinha um projeto pro adolescente estudar, fazer curso... porque eu tenho meus netos, tem uma neta minha também que já tá uma mocinha, ela chega do colégio a tarde não tem nada pra fazer, fica dentro de casa assistindo televisão, eu acho uma adolescência perdida, sem fazer nada.”*

- **Espedita de Jesus:** *“O que a gente gostaria, o que seria bom, se tivesse uma escola melhor do que a que tem, um grupo que trabalhasse com os idosos, os nossos idosos são muito abandonados, principalmente as mulheres e com os jovens...”*

- **Carla de Jesus:** *“A areninha, eles fizeram um trabalho mal feito, está aí oh, os banheiro ali já roubaram tudo e ninguém vem ver. Era pra ter segurança, pra ter alguma coisa pra limpar, ninguém usou nem esses banheiro e o banheiro já está todo*

⁸ Areninhas são equipamentos multifuncionais em formato de campo de jogo society com grama sintética, alambrados e rede, vestiários com banheiros, acessos pavimentados e torres de iluminação construídos em parceria entre os governos estadual e municipal.

quebrado, não tem mais nada dentro dos banheiro. Não tem um parquinho pra criança brincar aí, que era pra ter. Só tem a quadra, e ainda é perigoso por causa da pista.”

- Raquel Nascimento: *“Gente, aqui nem colégio praticamente não tem. Aqui tem um colégio e uma creche. Aqui as crianças são obrigadas, ou estuda de manhã ou não estuda, ou estuda a tarde ou não estuda., entendeu? Então aqui a gente não tem nada de política pública não. Não vou mentir. Aqui não tem nada pra criança.”*

Importante observar que a “pista” ao referir-se à Avenida Leste-Oeste, embora geograficamente componha o bairro Moura Brasil, pelo menos no trecho que atravessa o mesmo, não é mencionada como pertencente à comunidade, figurando como um verdadeiro divisor entre os “de cima” e os “de baixo”, inclusive servindo como um dificultador do acesso da comunidade aos equipamentos construídos em frente ao morro, o que leva a comunidade a reivindicar que as melhorias sejam feitas aonde as pessoas estão.

Uma das grandes problemáticas enfrentadas pela sociedade atualmente é a descrença no sistema político e nas pessoas eleitas com a retórica de representar as populações menos favorecidas. Importante não generalizar, pois existem muitas pessoas comprometidas e que lutam pelas causas sociais e ambientais, na defesa daqueles e daquelas que mais precisam. Mesmo assim, de tanto sofrerem com a violência de serem enganadas ou esquecidas, a desconfiança é bem presente ao esperar que as melhorias cheguem a partir da intervenção pública, fato explicitado na fala a seguir:

- Espedita de Jesus: *“Porque eu acho assim, quando é na época da política sempre passa nas portas da gente, todo dia passa, pesquisa, passa falando sobre candidato, sobe candidato pro bairro, ajunta as pessoas, aí quando é uma reunião, quando é uma palestra no posto, pouquíssimo vai porque eles não são avisado. Eu acho que ainda tem muitas casas que precisam, os papel da casa também que a gente nunca recebeu, que a prefeitura ficou de entregar, a gente não tem. Precisa muita coisa melhorar ainda porque tem muita casa que é só dois vãos. Eles (poder público) são muito falhos. Eu acho que não só aqui no nosso bairro, a gente sempre vê né os outros bairros tudo falando sobre isso porque aqui, é a realidade, eles só aparecem na época de política. Vem e vai e pronto”.*

Até então, todo o movimento reivindicatório das interlocutoras foi no sentido mais geral da comunidade, na exigência de equipamentos que beneficiassem a toda a

comunidade, incluindo-as. Mas em determinado momento, Raquel Nascimento, que atualmente é presidenta da Associação de catadoras/es do Moura Brasil, relata o quanto a categoria é desassistida pelo poder público, relatando a importância da atividade profissional para o bairro e as contradições que surgem a partir da invisibilidade que as mesmas percebem traduzidas em falta de apoio, sobretudo com o sonho do espaço de trabalho da reciclagem no próprio bairro que parece ficar mais distante ao longo dos anos.

Durante algumas reuniões do Conselho gestor da ZEIS Moura Brasil, Raquel Nascimento e outros integrantes chegaram a representar a associação, que tinha a promessa de ser contemplada com um espaço dentro da comunidade para trabalhar com a reciclagem, mas com a pouca efetividade e encaminhamentos que pouco se concretizaram até o momento desmotivaram a participação nesse espaço que é importante enquanto mobilização da sociedade civil, mas que se vê muitas vezes como acessório para justificar marcos legais que precisam ser cumpridos.

Enquanto trabalhadoras, as catadoras também apresentam demandas específicas direcionadas à associação, bem como reivindicam o reconhecimento de uma função social que o empreendimento cumpre perante à comunidade, assumindo muitas vezes uma função que deveria ser implementada em grande parte pelo poder público. Tal posição pode ser observada no trecho do diálogo socializado a seguir:

- Raquel Nascimento: *“Eu falo como associação Moura Brasil. Aqui no bairro a gente não tem nenhuma oportunidade, nem de conseguir um espaço, porque a gente tá desde quantos anos? As pessoas sabem que a associação existe, aqui tem muitas pessoas que tem conhecimento com o poder público, que conhece gente da prefeitura e eles não tem uma iniciativa com a gente, mesmo que a gente tente conversar, como a gente já conversou e já fizemos reunião, essas pessoas já conversaram com a gente, mas eles não dão oportunidade, e tem pessoas aqui que não tem um tanto de precisão que a gente tem aqui no bairro e tem mais oportunidade do que a gente. É muito triste isso. Porque aqui a gente é da Associação Moura Brasil, a gente somos do bairro Moura Brasil, mas onde é que a gente trabalha? A metade vai pro João vinte e três e a outra metade vai pra um ecoponto que fica um pouco distante (localizado no Centro, em baixo do viaduto próximo ao Mercado Central). Se a gente tivesse oportunidade de ter um espaço aqui no Moura Brasil não ia precisar ter essa equipe meia cortada né? Ia estar todos trabalhando no mesmo ambiente. Ultimamente quem está servindo o bairro é a gente.*

A associação de catador, por quê? Porque a gente estamos pegando pessoas para trabalhar com a gente. E quando a gente recebe qualquer tipo de doação a gente também ajuda no bairro, coisa que não era pra gente tá fazendo, né? Eu tô falando assim, porque se aqui tem uma organização de bairro, que tem pessoas que entende, que sabe que é o poder público, eles que tem que trazer pra cá, não a gente”.

A partir do trecho destacado ficam evidenciados elementos de reivindicação, denúncias das contradições e também do auto reconhecimento de que apesar da falta de apoio, a associação de catadoras/es consegue dar sua parcela de contribuição à comunidade, mesmo que por vezes se sintam invisíveis dentro do próprio local onde moram. Essa contradição é refletida, e principalmente sentida por Espedita de Jesus quando problematiza que do morro para baixo, mas também em diversos locais da cidade há uma espécie de maquiagem endereçada não aos moradores das periferias, mas às classes mais abastadas que possuem “autorização” e “legitimidade” social para usufruir de ambientes mais transitáveis, habitáveis, menos poluídos. De cima do morro não se vê somente o mar, se vê quem passa, os olhares, os desvios, as discriminações, as interrogações, se enxergam também ações, intenções, limites e fronteiras.

- Espedita Maria de Jesus: *“Porque sempre eu dizia... a cidade ela é limpa, eles mexem tudo, mas não pra nós. São pra quem? Pros visitante que vem pra cidade. Porque essa Leste-Oeste aí ela é varrida vinte e quatro horas, mas não é pra nós. É pra os visitantes, entende? É assim. Você tem que arrumar a sua casa pra nós, que mora dentro dela, não é arrumar a casa, comprar isso e aquilo pra os que vem visitar. Porque se nós quer viver dentro de casa nós temos que limpar a nossa casa pra gente dentro de casa, porque quer dizer que nós vamos ficar dentro de um monte de lixo e só vamos limpar a casa quando vem um visitante? Porque você vê as avenida mais importante que passa visitando parte dos turista, são limpas, agora você entra pras favela mesmo lá dentro pra ver. É rua cheia de lixo. Por mais que tenha o catador, porque o catador ele ajuda muito nisso. Porque imagine esses milhares de material que é tirado do meio ambiente? Se não tivesse a catação”.*

A partir da década de 1980 com a instalação do Instituto Médico Legal (IML), inauguração do Marina Park hotel, no início da década de 1990 e mais recentemente, a partir dos anos 2000 com a criação de grandes equipamentos no entorno do Moura Brasil, como a Escola de Gastronomia e Hotelaria do Ceará, Estação das Artes, Metrofor, Centro Fashion e Igreja de Santa Edwiges por exemplo, o cenário local foi se

modificando, alterando sua paisagem e comprimindo ainda mais o aglomerado de casas que formam a comunidade.

É muito importante perceber a função social que esses equipamentos possuem, pelo menos a partir dos objetivos com os quais foram planejados, sejam eles, artístico, cultural, profissionalizante, religioso e ou/comercial. Uma gama de serviços e funcionalidades que podem perpassar as várias dimensões da vida social.

Certamente seria necessário um estudo mais aprofundado que cruzasse os dados desses equipamentos para termos um maior conhecimento sobre os impactos sociais que os mesmos têm exercido na comunidade, qual a percepção dos/as moradores/as e como estes, para além de oferecer uma gama de serviços às comunidades do entorno, têm incorporado às suas equipes de trabalho as pessoas do território que se propõem a acompanhar.

Dada a especificidade e universo da pesquisa, as reflexões apresentadas partem das impressões que as mulheres negras catadoras moradoras do Moura Brasil compartilharam sobre como percebem a presença dos equipamentos na dinâmica da comunidade e suas interações pessoais com esses espaços.

- **Eliane Oliveira:** *“A Escola de gastronomia, lá era um prédio residencial, era o panorama antigamente lá. Agora mudou muito, muita coisa bonita agora. Onde era a praça da estação agora é uma praça né? Nunca fui na Vila das Artes. E nem nesse prédio (Escola de Gastronomia) aí, né? Tem muita coisa lá, né? Curso, essas coisas...”*

- **Sônia Nascimento:** *“Tem um bocado de senhora estudando à noite lá, na gastronomia, né? E ali a Estação das Artes, né? Que diz que a gente pode passear, mas eu pessoalmente nunca fui. Não vou dizer que fui. Não, porque tudo que tem aqui é só o começo e quando começa é muita exigência, muita burocracia aí eu não gosto de me estressar mais não. Quando eu gostava de me estressar tava bom porque eu achava era graça, mas agora eu não tenho mais paciência não. Paciência acabou”.*

- **Carla de Jesus:** *“Teve eu acho porque tem umas pessoas que estuda, faz curso”.*

- **Raquel Nascimento:** *“Tá tendo, EJA⁹ ali na escola de gastronomia, lá tem curso de garçom, turismo, de hotelaria, tem gente já indo trabalhar nos hotéis, na praia. E do*

⁹ A Educação de Jovens e Adultos - EJA é uma modalidade de ensino criada pelo Governo Federal que perpassa todos os níveis da Educação Básica do país, destinada aos jovens, adultos e idosos que não tiveram acesso à educação na escola convencional na idade apropriada. Permite que o aluno retome os estudos e os conclua em menos tempo e, dessa forma, possibilitando sua qualificação para conseguir melhores oportunidades no mercado de trabalho.

Metrofor também foi bom, né? Abriu várias linhas intercalando a gente às vezes não precisa mais pegar ônibus, porque tem vários pontos que o metrô tá passando”.

É perceptível o reconhecimento das interlocutoras acerca dos impactos positivos que os equipamentos têm sobre o território possibilitando ações de capacitação, lazer, educação e mobilidade urbana, ao mesmo tempo que duas das antecessoras, Eliane Oliveira e Sônia Nascimento, relatam que sabem das ações que são desenvolvidas nesses espaços, mas que até o momento não acessaram nenhum deles. Para Sônia Nascimento, o que a impede ou desestimula a participar é a burocracia, principalmente documental no que se refere aos cursos de caráter mais continuado.

Para Raquel Nascimento, os benefícios se traduzem na capacitação de alguns moradores/as e a inserção no mercado de trabalho e a comodidade que as novas linhas do metrô permitiram a partir da integração e ampliação dos pontos de parada do transporte coletivo. Mas algumas fragilidades dos equipamentos públicos também são expostas a partir da fala de Espedita de Jesus que revela um certo distanciamento dos mesmos com a comunidade, ou mesmo as poucas estratégias de divulgação dos serviços oferecidos e atividades promovidas para a comunidade, tendo em vista que mesmo com várias pessoas possuindo um telefone celular, muitas delas ainda não dominam ou utilizam outras ferramentas de comunicação além dos telefonemas. No que se refere ao serviço de saúde, as queixas são praticamente as mesmas visualizadas em outras comunidades de Fortaleza, a escassez de médicas/os e a insuficiência de remédios disponíveis à população, como podemos perceber nos trechos abaixo.

- Espedita de Jesus: *“Assim... tem esses equipamentos, né que é próximo da gente, mas que o que acontece neles, a população pouquíssimo sabe, quando a gente vem saber dos cursos, das coisas, já tem acabado as inscrições. Nós temos um posto que é em cima que é pra gente ser atendido. Quando a gente chega lá não tem médico, é uma coisa que veio pro bairro, mas não foi pra todos, entende? Não tem um diálogo com a comunidade. Tem várias reuniões... quando a gente vai... por exemplo, tem uma palestra eles não avisam, porque antes quando não tinha esses equipamentos que ia ter alguma coisa eles colocavam cartaz nas ruas que era pras pessoas participar, porque eles falam assim, que eu muito reclamo, eles dizem que tem um grupo, tem as redes sociais, mas nem toda a população tem acesso as redes sociais. Aí pra mim o certo era eles colocar nas redes sociais e continuar do jeito que era. Colocando os avisos, convidando as pessoas nas portas”.*

- **Espedita de Jesus:** *“O Marina, ele só entra em contato com o bairro quando é dia das crianças que ela (proprietária) dá algumas coisas às crianças, e sobre a associação a gente nunca teve acesso de ter contato com ela não.”*

A breve e pontual explanação de Espedita de Jesus pontua que praticamente não existe relação da comunidade com o empreendimento privado Marina Park hotel. As festas luxuosas e inúmeras personalidades famosas que transitam pelo local nada têm a ver com a comunidade, que a Avenida/Muro cumpre também essa função de colocar cada um/a em seu lugar. Uma boa ação que também permeia a benevolência como único movimento de aproximação. Onde antes eram casas à beira-mar que foram demolidas e isoladas no morro para a construção da via, hoje abriga um dos maiores hotéis de Fortaleza, que por incrível que possa parecer, tem um formato de embarcação. Nada mais simbólico quando falamos de habitar colonial, reprodução da lógica de segregação, altericídio praticada contra uma comunidade habitada em sua grande maioria por pessoas negras.

Carolina nos convida a olhar para além do que é visto, perceber para além do que é dito, muitas vezes é escrito, desenhado, pintado, dançado, moldado vivido, re-existido. A exemplo dela, quantas mulheres negras estão esquecidas nos “Quarto de despejo”?

Percebemos nesse caso que os marcadores de raça/cor e gênero, apontam para uma relação quase que direta com as condições de pobreza e invisibilidade a que estão submetidas essas mulheres. Sueli Carneiro problematiza sobre as disparidades colocadas pelo discurso clássico sobre opressão da mulher que não leva em consideração as experiências diferenciadas, mais violentas às quais são submetidas as mulheres negras. Esse fato colabora para que essa perspectiva generalista ou de invisibilidade conferida às mulheres negras não dê conta “da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina das mulheres negras.” (CARNEIRO, 2003, p.49).

DES-ENCONTROS NO CAMINHO

Ao concluir este trabalho preliminar, considero imprescindível reforçar que a construção do mesmo se deu em grande parte a partir das reflexões, aprofundamentos e provocações trazidas nos relatos das mulheres catadoras, percebendo-as como trabalhadoras, moradoras, críticas e atuantes para a transformação da realidade em que

vivem. As contradições apontadas em seus discursos nos aproximam do que nos coloca a arquiteta e urbanista Joice Berth quando diz que:

A cidade, nosso ambiente físico de convivência coletiva, não só recebe e absorve discursos, mas também reproduz e espelha – na concepção e divisão dos espaços, em seu desenho e em seu funcionamento – estruturas sociais e decisões, que são também omissões históricas. Assim, é fundamental compreender a cidade também como espaço de consolidação de convicções, ideias, práticas e, ainda, de articulação das tecnologias de opressões usadas e aprimoradas no decorrer do tempo. (BERTH, 2023, p.20)

Também é necessário valorizar e explicitar a importância da atuação feminina na gestão do empreendimento, articulando as demandas internas e externas à associação, coordenando ações de incidência política, parcerias institucionais, mobilização dos/as integrantes à associação, diálogo com outras instâncias públicas e privadas, como outras forças vivas na comunidade. Ainda assim, não podemos e nem devemos esquecer que esse trabalho se torna ainda mais desafiante quando percebemos as inúmeras atribuições que culturalmente foram empurradas unicamente às mulheres, como o cuidado do lar, da família etc. Sabemos que algumas coisas estão mudando, mas infelizmente esse cenário ainda é de forma geral o retrato da maioria dos lares brasileiros.

A dimensão do trabalho coletivo também é muito presente no dia a dia das mulheres catadoras do Moura Brasil, que entendem a associação como um espaço de crescimento, socialização, partilhas, aprendizados e formação tanto pessoal como coletiva, extrapolando os muros do empreendimento e atingindo outras famílias e espaços da comunidade, contribuindo à sua maneira para a melhoria da qualidade de vida na comunidade.

Sabendo que existem “Quartos de despejo” nos mais diferentes locais do nosso país, qual nosso compromisso Afetivo, Teórico e Político não só para problematizar ou escancarar essa triste marca que nos acompanha, mas sobretudo para juntos/as contribuirmos para a construção de cidades, espaços urbanos e/ou rurais plenos de condições de habitação, trabalho digno e direitos garantidos para todas as pessoas, e não só para as elites que se acomodaram nas “Salas de Visitas”?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTH, Joice. **Se a cidade fosse nossa: racismos, falocentrismos e opressões nas cidades**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Racismos contemporâneos**, Rio de Janeiro: Takano Editora, v. 49, p. 49-58, 2003.

Diagnóstico sobre os catadores de resíduos sólidos. Brasília: Ipea, 2011.

FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho**. 1. ed. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

FORTALEZA 2040. **Arquivos para download - Centro, Moura Brasil e Praia de Iracema**. Disponível em: <https://fortaleza2040.fortaleza.ce.gov.br/foruns-territoriais/forum/01#imagens/>. Acesso em: 5 jan. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Panorama - População de Fortaleza**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/fortaleza/panorama>. Acesso em: 5 jan. 2024.

JESUS, Carolina. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. 10. ed. São Paulo: Ática, 2020. 200 p.

KILOMBA, Grada. **Plantation Memories: Episodes of Everyday Racism**. Münster: Unrast Verlag, 2010. Disponível em: https://schwarzemilch.files.wordpress.com/2012/05/kilomba-grada_2010_plantation-memories.pdf. Acesso em 26 abr. 2024.

MNCR – MOVIMENTO NACIONAL DE CATADORES (AS) DE MATERIAL RECICLÁVEL. **Carta de Caxias do Sul, 2003**. Disponível em: <www.mnccr.org.br>. Acesso em: 18 abr. 2024.

MULHERES SÃO MAIORIA ENTRE CATADORES DE MATERIAIS RECICLÁVEIS. 2014. Disponível em: <<http://www.mnccr.org.br/noticias/noticias-regionais/mulheres-sao-maioria-entre-catadores-organizados-em-cooperativas>>. Acesso em: 24 jan. 2024.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América Latina**. 1. ed. Buenos Aires: Conselho Latinoamericano de Ciências Sociais, 2005. p. 117-142.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Jandaíra, 2020. 112 p.

SOARES, S. S. D. **O perfil da discriminação no mercado de trabalho – Homens negros, mulheres brancas, mulheres negras**. Brasília: Ipea, 2000. p. 25. (Textos para Discussão, n. 769).